

O processo de integração de imigrantes hispano-americanos: análises e perspectivas

Jorge Castellá Sarriera
Ana Paula Souza Oliveira
Carolina Hermuth Hofstaetter
Júlia Schneider Hermel

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

RESUMO

O presente estudo visou iniciar uma linha de investigação sobre um grupo vulnerável e cada dia mais presente, como os imigrantes econômicos e refugiados. Conhecer quem são, onde estão, como se organizam, quais os impactos da imigração nas suas vidas, na saúde, nas relações interpessoais, nas atitudes aculturativas, assim como nas dificuldades e estratégias de enfrentamento dos problemas. A pesquisa desenvolvida no decorrer de quatro anos (2000-2003), teve duas etapas: uma qualitativa e, a seguir, outra quantitativa. Na qualitativa foram entrevistadas seis famílias de vários países hispano-americanos, com menos de cinco anos de chegada ao Brasil. Na quantitativa, foi aplicado questionário em 113 imigrantes, de diferentes nacionalidades hispano-americanas. Responderam ao instrumento construído com os indicadores da análise qualitativa e com escalas adaptadas das pesquisas recentes em aculturação. Os dados revelam os fatores positivos e negativos no processo aculturativo, as associações mais significativas com a saúde, o bem-estar psicológico, aspectos psicossociais e sociocognitivos que são relevantes para programas de intervenção.

Palavras-chave: Imigrantes econômicos e refugiados; aspectos psicossociais; aculturação em hispanos.

ABSTRACT

Integration process of hispano-american immigrants. analysis and perspectives

This study aims to start an investigation line about vulnerable group, more present day after day, like the economic immigrants and refugees. Knowing who they are, where they are, how they organize themselves, what are the impacts of immigration in their lives, health, relations, acculturative attitudes, difficulties and strategies for dealing with problems. There were two stages developed in this research for the period of four years: a qualitative and then another quantitative stage. In the qualitative part were interviewed six families from many latin-american countries living in Brazil for less than five years. In the quantitative were registered 113 immigrants in the city of Porto Alegre with different latin-american nationalities whom have answered an instrument made with the indicators of the qualitative analysis and with adapted scales from recent research on acculturation. The data show positive and negative factors in the acculturative process, more relevant associations with health and well-being and psycho-social and socio-cognitive aspects that could be relevant for intervention programs.

Key words: Economic immigrants and refugees; psycho-social acculturation in hispanos.

INTRODUÇÃO

A política econômica hegemônica tem aprofundado o abismo entre as condições de vida dos países ricos e pobres, e estimulado o deslocamento de grandes massas da população. A Psicologia Comunitária vem se preocupando nos últimos vinte anos com esta temática em diferentes contextos (Berry, 1990, 1998; Marin, 1996a, 1996b; Birman, 1998; Bourhis, Moïse, Perreaut e Senécal, 1997; Sarriera, 2003).

Alguns motivos maiores como, a guerra, a fome, a perseguição política, o desemprego, o sonho de uma melhor qualidade de vida, faz com que muitos arrisquem suas vidas buscando um futuro promissor em outro país. Grandes podem ser os riscos deste deslocamento na saúde física e mental, na estrutura familiar, nos processos de adaptação e transformação identitária no meio de um novo contexto sociocultural e linguístico. Os imigrantes hispano-americanos que vêm ao Brasil sem recursos, não se constituem, por enquanto, numa preocupação relevante para o gover-

no em termos de políticas sociais e de recursos para programas de inserção.

O Brasil tem sido um dos países latino americanos, com grandes contrastes socioeconômicos que tem mantido uma estabilidade política e social favorecendo seu desenvolvimento econômico e, portanto, tem atraído a atenção de pessoas e famílias de países vizinhos, as quais vêm no Brasil um futuro promissor.

A maioria dos imigrantes econômicos no Brasil vive na clandestinidade. Conhecer quantos são e onde estão não é possível através das estatísticas do IBGE, nem da Polícia Federal. As organizações não governamentais que trabalham com essa população revelam que cada vez são mais numerosos os imigrantes que vêm engrossando certos redutos populacionais na periferia das grandes cidades, reunindo-se por afinidade dos países de origem. Indocumentados, na sua maioria, por não ter recursos para pagar os elevados custos da tramitação da estadia temporária no país, buscam trabalho e, quando conseguem, de forma clandestina, são geralmente explorados. A atual lei de estrangeiros tem suas bases na década de quarenta com o 'Estado Novo' de Getúlio Vargas. Pequenas modificações foram feitas até hoje, prevalecendo sempre o interesse econômico de quem traz dinheiro para o país ou possui massa crítica, especialmente na área tecnológica.

INTERCULTURALISMO

A área de estudos sobre o processo de inserção dos imigrantes na cultura majoritária se tem denominado, originariamente, de aculturação, por partirem de uma perspectiva assimilacionista, sendo denominado atualmente como interculturalidade. Foram desenvolvidos modelos teórico-explicativos do fenômeno do interculturalismo, construídos instrumentos para avaliar as dificuldades ou o sucesso no processo de interação cultural, e desenvolvidas pesquisas sobre imigrantes na área psicossocial, da saúde, laboral, educacional e escolar (Sarriera 2000; 2003).

Consideramos que a complexidade do fenômeno aculturativo exige um modelo explicativo que supere uma visão linear dicotômica do processo de inserção e atenda a uma perspectiva ecológica-sistêmica integrativa (Birman, 1998), considerando a conflitiva social.

A psicologia social e comunitária, seguindo o presente modelo, poderá desenvolver conhecimentos relevantes e delinear intervenções nas quais estejam presentes o conceito de diversidade e de complexidade, verificando como as circunstâncias históricas e os contextos socioculturais afetam os resultados da adaptação, como se manifestam as diferenças de gênero nos papéis familiares (Trickett, 1996); como decor-

rem psicossocialmente os processos de transição ecológica (Sarriera, 1998), ou como se manifesta o desenvolvimento através de intervenções comunitárias (Kelly, 1992).

Dimensões da aculturação foram emergindo conforme pesquisas de caráter qualitativo e quantitativo nos anos oitenta e noventa. A seguir relacionamos algumas que fazem parte da maioria dos instrumentos, desconsiderando os dados biodemográficos e instrucionais:

- O conteúdo até hoje mais pesquisado em testes ou escalas é o uso e conhecimento do idioma da cultura majoritária (Epstein et al., 1996; Marin, 1996a). É uma dimensão importante mais não deve ser exclusiva da manifestação do sentido de integração cultural.
- Aspectos psicossociais são apontados como identidade étnica percebida, símbolos materiais utilizados, eventos e celebrações, valores compartilhados, papel e fatores sociais nas diferentes culturas minoritárias, comidas preferidas; características dos contextos culturais e lealdade a sua identidade étnica em oposição as conquistas na nova cultura. (Magaña et al. 1996; Marin, 1996a).
- Dimensões socioeducativas como padrões de educação familiar, crenças e práticas educacionais (Qribi, 1997); redes sociais de apoio (López-Baez, 1997); aspectos valorativos de gênero (machismo/igualdade) (Leaper e Valin, 1997); estresse aculturativo, emoção e condutas de 'coping' (Lazarus, 1997).

Na revisão instrumental de Zane (1998), sobre os vinte testes mais reconhecidos sobre aculturação, identificam-se dez conteúdos preferentes como parâmetros de avaliação: preferência pelo uso do idioma, afiliação nacional, hábitos de vida, tradições culturais, estilo de comunicação, identidade cultural, percepção de discriminação, status de gênero, socialização familiar e cultura/valores. O autor propõe que sejam utilizadas medidas diferentes para contextos diferentes, enfatizando mais os aspectos psicológicos da aculturação e, sobretudo, aprofundando os efeitos psicossociais da mesma.

O CONTEXTO LATINO-AMERICANO

A história do povo brasileiro é complexa e cheia de imposições culturais. Uma história onde se encontram escravos e imigrantes chamados a substituí-los, segundo aponta Tosello (1999). Um Brasil multicultural, com um nacionalismo forte que tende a destruir a riqueza da diversidade.

De acordo com o boletim da Polícia Federal de abril de 2000, há um total de 44.022 estrangeiros cadastrados no Rio Grande do Sul, independente de imigração definitiva. Os principais grupos de estrangeiros no Rio Grande do Sul, até abril de 2000 eram: Uruguai, 18023; Argentina: 3490; Portugal: 2772; Alemanha: 2429; Itália: 2336; Estados Unidos da América: 1886; Japão: 1412; Chile: 1405; Espanha: 1278 e Polônia: 949.

A realidade brasileira e especificamente gaúcha, apresenta um mosaico de diferentes culturas: indígena, portuguesa, italiana, alemã, espanhola, polonesa, que ao longo do tempo foram se misturando e construindo uma nova identidade psicossocial. No entanto, algumas culturas foram submetidas ao longo da história e excluídas do contexto formativo educacional, como a cultura índia e a cultura negra.

Atualmente muitas famílias dos países vizinhos como Uruguai, Argentina, Paraguai, Chile, Bolívia, Peru, Colômbia e Equador, estão chegando ao Rio Grande do Sul procurando melhorar sua situação econômica ou fugir de situações de perseguição política ou instabilidade civil. A dificuldade em obter dados sobre os imigrantes desses países é grande visto que a maioria não tem condições de arcar com as despesas de sua regularização no Brasil. Objetivamos a aproximação à realidade do imigrante hispano-americano, desde uma perspectiva ética, que possa salientar as conquistas e as dificuldades desta população, e subsidiar futuros programas de intervenção psicossocial.

METODOLOGIA

Primeira etapa

Foram escolhidas intencionalmente seis famílias imigrantes hispano-americanas que estivessem há menos de cinco anos em Porto Alegre. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, como instrumento de pesquisa. Para tanto foi preparado pelo Grupo de Pesquisa em Psicologia Comunitária (GPPC), um roteiro flexível sobre alguns aspectos a serem abordados: motivos do deslocamento, impacto inicial da chegada, dificuldades encontradas, recursos utilizados, sentimentos e percepções sobre a sociedade de acolhida e estratégias de integração.

As entrevistas foram realizadas na residência dos imigrantes. Inicialmente, foi feito o *rapport*, explicando rapidamente o objetivo da pesquisa. Solicitou-se, também, que os sujeitos assinassem o Consentimento Informado a fim de poder utilizar os dados da entrevista para pesquisa, mantendo o anonimato e se comprometendo com a futura devolução dos dados gerais para discussão entre as famílias participantes da pes-

quisa. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas.

Segunda etapa

Participaram 113 imigrantes, hispano-americanos localizados por conveniência em ONGS que atendem imigrantes, em associações, em feiras e por indicação de terceiros ou dos próprios imigrantes, com tempo máximo de residência no Brasil de 20 anos.

RESULTADOS

Dados qualitativos

As categorias que surgiram, permitiram compreender a trajetória do processo migracional das famílias e, a partir desta compreensão, obter uma caracterização do processo psicossocial de migração. Assim, configuraram-se na análise quatro eixos categoriais básicos: a) a decisão de emigrar; b) inserção na cultura local; c) relações comunitárias e d) a identidade.

A decisão de emigrar

As famílias estudadas apresentam a melhora da qualidade de vida como o motivo central de sua vinda para o Brasil. A qualidade de vida é objetivada por tais famílias através do desejo de incrementar as rendas financeiras, incremento das possibilidades de inserção laboral e principalmente fugir da violência e do desemprego em seus países de origem. Verbalizações neste sentido foram dadas por todas as famílias.

“Estávamos procurando através de bens materiais, coisas que todo mundo quer ter, coisas básicas. Quisera ter a condição econômica, conseguir um trabalho e comprar um refrigerador para ela, um fogão, um sofá...” (Família 3)

“Aí a gente tinha muito problema, também, o clima, aí, também a guerra, as coisas, não podíamos ficar mais lá.” (Família 1)

Para o entendimento do fenômeno social da imigração, deve-se tomar em consideração predominantemente dois tipos de fatores: os de expulsão e os de atração. Em tese, poucas pessoas possuem um desejo absolutamente imanente de emigrar, de abandonar sua casa, ou entorno social, conforme apontam as pesquisas de Boneva e Frieze (2001).

Observou-se que todas as famílias tinham uma experiência migracional prévia, seja internacional ou nacional e nos dois casos em que os integrantes da família moravam nas fronteiras, a migração estava “naturalizada”. Este aspecto da experiência familiar é caracterizado nas falas das famílias entrevistadas em situações como:

“Antes estábamos en Buenos Aires, llevamos a los menores (hijos), pero las cosas no se dieron como pensábamos... No tenía trabajo, un amigo nos cedió un apartamento y estuvimos allá 2 años. Después regresamos a Montevideo... Después demandamos por Austrália y Nueva Zelândia, pero no nos dieron las vistas y mis hermanos estaban progresando por acá...” (Família 5)

“Meu pai pediu demissão no Chile e veio para Brasil em 78. Eu não sei por que vim. Eu tinha que ir para onde meus pais iam; ninguém me falou nada. Meu pai queria emprego e fugir do governo militar... Já tinha tentado antes, por dos veces pas-sou tempos na Venezuela...” (Família 3)

Os valores, atitudes e expectativas que desta forma se transmitem, constituem o que alguns autores (González Tornaría, 2000) chamam de currículo familiar. Este currículo familiar não está escrito – à diferença do escolar – mas conta com objetivos, conteúdos, “metodologias” que determinam a cifra de identidade de cada família, e contribuem para a geração de aprendizagens entre seus membros. As famílias se diferenciam não apenas pelos conteúdos, mas também nos estilos com que transmitem estes conteúdos (Martínez, 1996).

Essas histórias são um dos pontos principais à que pretende atender esta pesquisa, partindo do ponto da imigração de grupos étnico-culturais de diferentes bagagens que participam da formação humana do Rio Grande do Sul.

A inserção na cultura local

O processo de aprendizado de novos significados e habilidades, paralelo no sentimento de ser aceito, pode ser chamado de “choque cultural”. É o “choque” mais freqüente pelo qual o imigrante passa, e pode ser avaliado pelo grau de incerteza que tem após sua chegada em outro lugar. Esse estranhamento fica evidente em verbalizações como:

“Yo al menos nunca me adapté a este lugar. Nunca porque tiene esas lombas, esas bajadas, esas así... yo no puedo caminar, yo me cayo... aquí la gente se siente un poco perdida, un pouco aislada do resto né?” (Família 5)

“Chegamos com duas malas e duas crianças. Sem horizonte, sem saber o que fazer... nem para onde ir... só sabíamos que íamos chegar; né? Ai eu me deprimi, não dormia, engordei, engordei... em um mês engordei muito.” (Família 1)

Desta problemática advém o maior dilema do imigrante, que consiste na tensão entre o empenho para uma maior adaptação sociocultural e a preservação da

identidade com seu país de origem. A cultura pode ser entendida como um conjunto de experiências, crenças e valores, e ser entendida como um campo ativo de luta e contestação. Isso significa que, longe de uma limitação em englobar a totalidade de experiências compartilhadas por um determinado grupo, a cultura está implicada com a forma pela qual tais experiências, crenças, tradições acontecem.

No processo aculturativo, interagem uma variedade de fatores, como a natureza do movimento migratório, *status* socioeconômico, as idéias de suporte social e de receptividade da cultura de acolhida como moderadoras do processo aculturativo (Zepeda, 2000; Sabatier e Berry, 1996; Berry, 1998; Gregorio Gil, Díaz-Gómez e Rivas Nina, 1994).

As relações comunitárias

Antes da chegada no novo país, as percepções de similaridades e diferenças culturais afetam sua posterior adaptação. As dificuldades idiomáticas são apenas um dos estressores sociais que estas pessoas podem experimentar durante o processo de inter-relação com uma nova cultura.

“... me gusta mucho la gente como son acá. Acá la gente no repara si tengo el pelo corto o largo, como camino... la gente es igual, me atiende bien, me habla bien, me tiene mucha paciencia por el hecho de yo no hablar bien el portugués. La gente cuando se da cuenta de que yo soy extranjera, me ayuda. Me he sorprendido mucho con eso... La gente acá tiene la posición de ayudar... Acá no existe discriminación acá no me siento discriminada por mis gustos, pues prácticamente allá mi trabajo es de hombres.” (Família 3)

A perspectiva de inter-relação entre dois ou mais segmentos culturais inseridos dentro de uma mesma sociedade, entra em sintonia com o marco teórico proposto por Bronfenbrenner (1996) para a o entendimento dos processos desenvolvimentais humanos e o proposto por Sarriera (1998) para a compreensão da dimensão psicossocial de uma comunidade. Estas propostas pressupõem “trocas” sistêmicas entre as várias instâncias da sociedade dentro de uma perspectiva ecológica (Kelly, 1992).

A identidade

A identidade se constrói na relação entre a categorização pelos não-membros e a identificação com um grupo étnico particular. A pertença a um grupo étnico é questão de definição social, de interação entre a autodefinição dos membros e a definição dos outros grupos. É esta relação dialética entre as definições exógena e endógena de pertença étnica que trans-

forma a etnicidade em um processo dinâmico sempre sujeito à redefinição e à recomposição.

“Lá (no país de origem) caras incompetentes, mal preparados, sem profissão conseguem posto... e aqui no Brasil as pessoas entram (no mercado laboral) pela sua capacidade... se eu me preparo academicamente para conseguir um emprego, vou ganhar.” (Família 3)

A aculturação de imigrantes em uma nova pátria é determinada por fatores econômicos e materiais. Estes fatores muitas vezes determinam “tipos” de imigrantes. O primeiro é aquele imigrante que já sai de sua terra decidido a não voltar. Qualquer lugar deve ser mais fácil de viver do que lá. O segundo, é o imigrante que sai, pensando em voltar assim que consiga juntar algum dinheiro, e consegue. Já o terceiro tipo, possui os mesmo planos do segundo, mas não consegue. É o “frustrado”, que acaba ficando na nova terra por não ter condições de sair. E o último tipo, avaliado por Klein (1999) como o mais freqüente historicamente é o imigrante que tem os mesmos planos dos dois últimos, mas quando chega na nova terra, prospera econômica e socialmente e decide ficar e integrar-se (Klein, 1999).

No caso dos imigrantes, não se pode falar que sua construção cultural em um novo país será idêntica à produção em seu país de origem (Pozenato, 2000). Trata-se de um estilo de vida, atitudes, conceitos e hábitos que são diferentes da cultura majoritária. Essa diferença é explicada pela relação de equilíbrio entre a pressão ambiental e a manutenção cultural (Pozenato, 2000).

Dados quantitativos

A análise foi dividida em dimensões como uso da linguagem, orientação aculturativa, biculturalismo, bem-estar psicológico, relações sociais, contexto social brasileiro e comparação entre a realidade brasileira com a do país de origem.

Análise Descritiva

A origem dos imigrantes da amostra foi o Uruguai com 36 imigrantes, seguidos por Peru (27), Argentina (13), Chile (12), Paraguai (9), Colômbia (7), Bolívia (5), Cuba (3) e Venezuela (1), sendo 61% imigrados das capitais nacionais, 8,6% das capitais provinciais e 30,4% das zonas rurais. Moram sozinhos 13,3%, com um ou dois membros da família (39,5%) e com três ou mais membros 47,2%. Moram a menos de três anos no Brasil 24,8%, de três a nove anos (31%) e mais de nove anos, 44,2%. A idade média dos imigrantes foi de 36,85 anos.

Dos dados descritivos verifica-se que os imigrantes consideram-se, na sua maioria, como bilingües (83,9%), ou seja, acreditam dominar ambos os idiomas. O local de trabalho/estudo foi indicado como mais importante para o uso do português (média de 4,2 e desvio padrão de 0,99). Porém, com os familiares, o idioma mais usado foi o castelhano (média de 2,22 e desvio padrão de 1,48). A escala Likert tinha os seguintes valores: 1- apenas espanhol; 2-espanhol mais que português; 3-espanhol e português igualmente; 4-português mais que espanhol; 5- apenas português. Mesmo os imigrantes se considerando dominantes dos dois idiomas (português e castelhano), é preciso salientar que esta dimensão por si só não representa o sentido de integração cultural conforme Epstein (1996). Não podemos afirmar que os imigrantes que acreditam que são bilingües estão mais aculturados ou mais integrados à nova cultura.

No que tange a *orientação aculturativa*, foi solicitado aos imigrantes que eles quantificassem, numa escala de 1-discordo plenamente a 5-concordo plenamente), o orgulho pela cultura do país de origem (média de 3,54 e desvio padrão de 0,68) assim como, a satisfação em viver no Brasil (média de 3,37 e desvio padrão de 0,63) encontrando-se respostas variando entre bastante e muito para ambas as questões. Estes dados vão ao encontro do modelo de Berry (1990) no qual é considerada como a melhor forma de integração junto a sociedade. As pessoas biculturais poderão ter uma maior flexibilidade e competência para mostrar habilidades diferentes dependendo das solicitações das diferentes situações e contextos.

O *contexto social brasileiro* foi avaliado de forma geral como regular; sendo que algumas dimensões, como acesso aos serviços de educação (média de 3,45 e $dp = 1,038$) e condições de conseguir um emprego (média de 2,28 e $dp = 1,065$) foram avaliados negativamente e deveriam, portanto, ser aprimorados, considerando a escala de 1 a 5 (1-ótimo e 5-péssimo). Outro aspecto que se destaca por ser considerado como pior, quando compara-se o Brasil com o país de origem, são os aspectos relativos à legalização (média de 2,98 e $dp = 1,137$). Este aspecto demonstra a dificuldade de se conseguir ser aceito como legal no país, revelando que a política imigratória nacional não é tão favorável. No que concerne aos níveis de preconceito étnicos (média de 2,03 e $dp = 0,660$), estes foram considerados como igualitários em ambas as realidades, do país de origem e do de acolhida.

Os serviços públicos de saúde foram avaliados, em geral, de forma positiva pelos imigrantes (média de 2,96 e $dp = 1,143$). No entanto, algumas dimensões como qualidade educação (média de 1,94 e $dp = 0,735$)

e acesso a moradia (média de 1,90 e $dp = 0,620$), quando comparados aos países de origem, foram avaliados negativamente.

O *bem-estar psicológico* é um dos fatores determinantes de um satisfatório processo integrativo. Os dados que obtivemos revelam que, o nível de bem-estar psicológico dos imigrantes entrevistados situa-se em patamares satisfatórios (média 3,4, considerando a escala de 1 a 4, sendo 1-pior e 4-melhor nível de bem-estar) munidos de certa homogeneidade.

Outro fator que expressa a integração é o alto índice dos imigrantes possuírem um relacionamento amoroso com brasileiros. E também, os resultados mostram que os melhores amigos dos imigrantes são brasileiros (33%). Podemos perceber que esse tipo de relacionamento são recursos naturais de apoio no processo migratório (García, 1999). O apoio social segundo García, ajuda os imigrantes a evitar experiências negativas e fatores estressores, além de aumentar a auto-estima, a estabilidade, o controle e o sentimento de bem-estar (1999).

Análise Inferencial

Nas análises inferenciais os resultados revelam as relações significativas entre variáveis. Assim, os que expressam ter mais domínio dos dois idiomas foram os imigrantes que tinham oportunidade de ir e vir aos seus países de origem e aqueles que eram de países limítrofes com o Brasil, além daqueles que tinham mais tempo de residência no Brasil. Quem domina melhor o português são as mulheres, aquelas com maior escolaridade e maior tempo no Brasil ($\chi^2 = 11,909$; $p \leq 0,01$). Quem escreve melhor o português são os imigrantes originários de zonas urbanas e não rurais ou possuem emprego estável e maior tempo no Brasil ($\chi^2 = 17,286$; $p \leq 0,01$).

Os resultados revelam relações significativas entre variáveis como a *relação social e a saúde mental*. O bom relacionamento social constitui-se em um preditor de saúde mental. Segundo Argyle (1993) a saúde mental é fortalecida quando as pessoas tem boas relações sociais. A autora acrescenta que fatores da personalidade podem predispor a saúde mental, já que habilidades sociais deficientes podem levar ao isolamento e a exclusão o que pode conduzir à ansiedade e à depressão. Quanto aos fatores relacionamentos, o nível de bem-estar psicológico percebido aumenta na medida em que as relações com os amigos são mais frequentes ($\chi^2 = 6,676$; $p \leq 0,05$). Azita et al. (2001) corrobora com essa idéia acrescentando que o contato social pode conservar a saúde do imigrante e ajudá-lo no processo aculturativo. Dessa forma, podemos pensar que o apoio social é um preditor de saúde. Torna-se importante salientar que a maioria dos imigrantes

tem os brasileiros como sendo seus melhores amigos, o que pode ter relação com o fato de que grande parte dos entrevistados estão no Brasil a mais de nove anos. Isso influi também em outro preditor de bem estar psicológico, visto que os imigrantes falam mais português do que espanhol nos seus relacionamentos diários.

Thompson et al. (2002) afirmam que não é a imigração em si que causa impactos na saúde mental, mas sim os fatores de risco que acompanham a imigração combinada com o estresse aculturativo. Dentre os fatores de risco incluem-se dificuldade com a linguagem, com reconhecimento como imigrantes, desemprego, separação da cultura e da comunidade. Dessa forma os aspectos relativos a família apresentaram-se importante para a saúde mental dos imigrantes ($\chi^2 = 9,274$; $p \leq 0,05$). Isso porque o número de membros da família que convive no Brasil junto com o imigrante interfere no seu bem-estar psicológico. Azita et al. (2001) corroboram afirmando que o convívio com familiares no país de acolhida contribui para sentirem-se mais saudáveis. Segundo os mesmos autores, o contato com pessoas da mesma origem também contribui para o bem-estar, pois serve de apoio para manterem-se saudáveis e sentirem-se melhor.

A adoção de uma *religião* apresentou-se importante para o *bem-estar psicológico* dos participantes da pesquisa. Azita et al. (2001) afirmam com os achados afirmando que um forte senso de espiritualidade está relacionado com a saúde, onde o ponto central não é a instituição religiosa, mas sim um senso espiritual de unidade e crenças sobre a vida e sobre os significados de saúde e doença. Os achados tornam-se importantes uma vez que o que mais influenciou para um satisfatório bem-estar foi o fato de os imigrantes terem uma religião, independente de qual a crença que este segue ($\chi^2 = 8,964$; $p \leq 0,01$).

O contexto em que o indivíduo se insere também influencia seu bem-estar psicológico, já que os imigrantes que estão mais satisfeitos com o *contexto brasileiro*, de acordo com os itens analisados, apresentam maiores escores no nível de *bem-estar* ($t = 19,769$; $p \leq 0,01$).

Fazendo uma análise inferencial entre o nível de satisfação do contexto social brasileiro e a origem do melhor amigo, constatou-se que quando os melhores amigos são brasileiros, há uma melhor satisfação do contexto social brasileiro do que quando os melhores amigos são do país de origem ($\chi^2 = 3,627$; $p \leq 0,01$). Isso pode indicar que a afinidade com brasileiros ajuda na boa crítica de serviços como de saúde, educação, condições de moradia, aceitação pela comunidade, remuneração salarial, meios de transporte urbano, alimentação entre outros.

Com relação as orientações interculturais dos imigrantes com perfil de integração ou de assimilação com a nova cultura, diferente daqueles com perfil de separação (isolamento) ou marginalização, utilizam no seu cotidiano social o português preferentemente e atribuem maior valorização ao idioma do Brasil ($\chi^2 = 29,669$; $p \leq 0,01$).

O sexo, o estado civil e o tempo de estadia no Brasil são variáveis que diferenciam significativamente as orientações interculturais, assim como as mulheres, os casados são de tendência mais assimilacionista e os que tem maior tempo no Brasil já apresentam-se como integrados ou assimilados.

CONCLUSÕES

Os conteúdos das entrevistas e dos questionários revelam necessidades, medos, expectativas dessas famílias procurando se estabelecer e integrar na nova comunidade. Uma das maiores dificuldades e preditora de problemas de saúde se relaciona com o campo da regulamentação e da legislação brasileira do imigrante. Os imigrantes enfrentam dificuldades, principalmente para poderem trabalhar de forma digna e de acordo com a legislação trabalhista brasileira, o que gera, muitas vezes, a sua marginalização. Isso tem a ver com as políticas econômicas hegemônicas excludentes como referido na fundamentação teórica (Mármora e Cassarino, 1996).

A questão do desemprego é um problema comum à América Latina. Os imigrantes entrevistados enfrentam dificuldades no reconhecimento de seus diplomas e currículos, dificultando ter as condições mínimas para poder serem admitidos em empregos nos quais são exigidos a titularidade o que os direciona para atividades esporádicas ou no mercado informal. A referida situação se relaciona com dificuldades no uso e domínio do idioma o que inibe as ações integradoras e potencializa as de separação ou marginalização.

As experiências familiares de imigração, influem na decisão de imigrar. Se as experiências foram positivas, são entendidas como reforçadoras. Se negativas, enquanto desafio à ser alcançado. Ao mesmo tempo o fato de o imigrante não morar sozinho ou estar casado facilita a superação das dificuldades, sendo a família elemento de apoio e reserva cultural étnica ao mesmo tempo que de estímulo há inserção cultural.

As relações interpessoais são elementos básicos para a construção de redes de apoio social. Os vínculos com pessoas tanto no Brasil quanto do seu países de origem, estão permeados por relações de troca e cooperação.

A saudade da família, dos amigos e do país de origem, embora seja apontada como uma das maiores dificuldades da vida fora de seu país de origem, é um elemento que gera estratégias de aproximação com outras pessoas. No entanto aqueles que por condições econômicas ou políticas não conseguem visitar seus familiares nos países de origem manifestam maior dificuldade em tornar-se bilingües.

O idioma português foi apontado como um elemento que obstaculiza a inserção sociocultural em meios sociais mais formais, como os locais de trabalho e principalmente o sistema educacional brasileiro, avaliado como não preparado para a recepção de crianças imigrantes.

A sociedade gaúcha, de uma forma geral, foi avaliada como bem menos discriminatória que a maioria das sociedades de origem destes imigrantes, embora o preconceito étnico seja assinalado como preditor de mal estar. Os resultados indicam que as famílias entrevistadas encontram-se em diferentes níveis do processo aculturativo. Entretanto, as percepções do ambiente macrosocial possuem um papel mais marginalizante do que as percepções dos ambientes micro e mesossociais, percebidos mais como facilitadores da assimilação e da integração destas famílias na cultura majoritária.

O bem-estar constitui uma importante variável no processo migratório. Os níveis de bem-estar psicológico dos imigrantes são satisfatórios, contudo, não percebeu-se uma melhora muito significativa, uma vez que, em alguns casos, permaneceu como o de costume para os entrevistados. É importante salientar que não houve pioras na saúde psicológica, o que pode-se afirmar que a vinda ao Brasil foi, em geral, é satisfatória para os entrevistados.

A possibilidade do apoio familiar, de amigos ou religioso proporcionam um melhor bem-estar, até porque estes representam uma segurança. Saber que se tem alguém a quem possa recorrer em momentos de dificuldades, ter com quem conversar ou passar alguns momentos possibilita que o imigrante se sinta melhor.

Referente a orientação aculturativa dos imigrantes, observou-se que não há tendência a dissociar a origem hispano-americana da cultura brasileira visto que existe capacidade de lidar biculturalmente em contextos específicos, não manifestando conflito com as duas culturas. Os entrevistados demonstram um certo descontentamento para com a separação entre as culturas de origem e da comunidade de acolhida, já que acham que poderiam viver aqui como se estivessem no país de origem. Portanto, concluímos que há sim uma conjugação quanto a viverem diferenças culturais, onde há interesse de se tornarem brasileiros! mas não há vergonha de serem estrangeiros.

REFERÊNCIAS

- Berry, J. W. (1990). Psychology of acculturation: Understanding individuals moving between cultures. In R.W. Brislin (Ed.). *Applied cross-cultural psychology*. Newbury Park, CA: Sage.
- Berry, J. W. (1998). Conceptual Approaches to Understanding Acculturation. *International Conference in Acculturation: Advances in Theory, Measurement, and Applied Research*. University of San Francisco, CA.
- Birman, D. (1998). Biculturalism and perceived competence of latino Immigrant adolescents. *American Journal of Community Psychology*, 26, 3, 335-354.
- Bourhis, R., Moïse, L. C., Perreaut, S. & Senécal, S. (1997). Towards an interactive acculturation model: a social psychological approach. *International Journal of Psychology*, 32, 6, 369-386.
- Departamento de Polícia Federal. (2000). Divisão de Polícia Marítima, Aeroportuária e de Fronteiras – Serviço de Registro de Estrangeiros. Porto Alegre: Relatório Governamental. Não publicado.
- Epstein, J., Botvin, G., Dusenbury, L. & Diaz, T. (1996). Validation of an acculturation measure for Hispanic adolescents. *Psychological Reports*, 79, 3, 1075-1079.
- Kelly, J. G. (1992). *Psicologia comunitaria. El enfoque ecológico-contextualista*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina.
- Lazarus, R. (1997). Acculturation isn't everything. *Applied Psychology na International Review*, 46, 1, 39-43. In C. Leaper, D. Valin. (1997). Predictors of Mexican American mothers' and fathers' attitudes toward gender equality. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, 18, 3, 343-355.
- López-Baez, S. (1997). Counseling intervention with Latinas. In C. Lee (ed.). *Multicultural, issues in counseling: new approaches to diversity* (pp. 257-267). Alexandria, VA, USA.
- Magaña, J. R., De La Rocha, O., Amsel, J. & Magaña, H. (1996). Revisiting the dimensions of acculturation: cultural theory and psychometric practice. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, 18, 4, 444-468.
- Marín, G., Gamba, R. (1996a). A new measurement of acculturation for Hispanics: the bidimensional acculturation scale for Hispanics (BAS). *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, 18, 3, 297-316.
- Marín, G., Posner, S. (1996 b). Expectancies for driving under the influence of alcohol among Hispanic e no-Hispanic whites. *Substance Use & Misuse*, 31, 4, 409-421.
- Marmora, L. & Cassarino, M. (1996). La variable migratoria em el Mercosur. Su tratamiento y propuestas pra la armonización de políticas.
- Qribi, A (1997). Acculturation et education familiale chez les Magrebins dans le contexte français de l' Immigration. *Bulletin de Psychologie*, 50, 428, 237-242.
- Sarriera, J. C., Berlim, C. S. & Câmara, S. G. (1996). Bem-estar psicológico: análise fatorial da escala de Golberg (Ghq-12), numa Amostra de Jovens. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, IX, 1, 59-70.
- Sarriera, J. C. (1998). O modelo ecológico-contextual em Psicologia Comunitária. In L. Souza, F. Freitas, M. Pereira. (coord). *Psicologia: reflexões (im) pertinentes* (pp. 371-395). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Sarriera, J. C. (2000). Educação para a integração entre culturas e povos: da aculturação para o multiculturalismo Sarriera, (coord). *Psicologia Comunitária: estudos atuais* (pp. 179-201). Porto Alegre: Sulina Meridional.
- Sarriera, J. C. (2003). Estudios actuales sobre la aculturación en latinos: revisión y nuevas perspectivas. *Revista Interamericana de Psicología*, 37, 2, 341-364.
- Tosello, G. G. (1999). Educação e migrações: multiculturalismo e a pedagogia da inclusão. *Cadernos de Estudos*. Goiânia: Gráfica e Editora Redentorista.
- Trickett, E. (1996). A future for community psychology: the contexts of diversity and the diversity of contexts. *American Journal of Community Psychology*, 24, 2, 209-234.
- Zane, N. (1998). Major approaches to the measurement of acculturation: a content analysis and empirical validation. *International Conference: Acculturation: Advances in Theory, Measurement, an Applied Research* (pp. 4-5). San Francisco: USF.

Recebido em: 22/06/04. Aceito em: 31/03/2005

Autores:

Jorge Castellá Sarriera – Professor Doutor e Coordenador do Grupo de Pesquisa em Psicologia Comunitária, PUCRS.

Ana Paula Souza Oliveira – Membro do GPPC da PUCRS e Bolsista de Iniciação Científica do CNPq. E-mail: paulasoliv@yahoo.com.br

Carolina Hermuth Hofstaetter – Membro do GPPC da PUCRS. Bolsista de Iniciação Científica do CNPq. E-mail: carolinahh@hotmail.com

Júlia Schneider Hermel – Membro do GPPC da PUCRS. Bolsista de Iniciação Científica do PIBIC-CNPq. E-mail: juliahermel@yahoo.com.br

Endereço para correspondência:

JORGE CASTELLÁ SARRIERA
Av. Protásio Alves, 715, bl. 6 apto. 703
CEP 91310-003, Porto Alegre, RS, Brasil
E-mail: sarriera@pucrs.br